

## O TEMPO AGOSTINIANO

Tarcísio Alves dos SANTOS  
Departamento de Filosofia - UFRN

**RESUMO:** O presente trabalho tem como base a comparação do poema “Tempo” de autoria própria, analisando suas convergências com o estudo Agostiniano e suas reflexões acerca do tema, levando em consideração que Agostinho de Hipona, mais precisamente no capítulo de número XI da obra Confissões, trata da temática da metafísica, abordando a problemática da existência dos tempos presente, passado e futuro e ainda se existe um quarto tempo que seria a eternidade. O poema, por conseguinte, trata da ordem ontológica do pensamento humano em relação ao tempo, de modo que o autor procura ver várias relações do tempo consigo mesmo e com o mundo exterior, sendo ele fruto de aflição por não entender o significado concreto do tempo. Travando um diálogo consigo mesmo e simulando uma conversa como próprio tempo, o autor questiona o verdadeiro valor do tempo e suas atribuições, ou mesmo se existe um tempo real.

Palavras-chave: Tempo; Agostinho; Eternidade; Confissões

### INTRODUÇÃO

Antes de abordar o tema deste trabalho diretamente, ou seja, a análise crítica do poema “Tempo”, que foi feito baseado na obra de Santo Agostinho, numa busca de realizar uma releitura deste e com isso uni-lo aos postulados filosóficos, quero antes explicitar-me no porquê acredito que a poesia poder-se-ia ser filosofia e vice-versa. Não me refiro aqui a todos os poemas, mas sim àqueles que visam uma busca pelo conhecimento, utilizando-se de uma problemática, para a qual recorre um raciocínio voltado para a verdade, que antes de qualquer coisa possa ser examinado de forma coerente e, assim, estabelecer uma idéia lógica dos assuntos abordados. Aqui me refiro à poesia como objeto de investigação filosófica. Todavia, acredito que qualquer ramo do saber em forma de arte, poderia ser um caminho em direção a essa unificação, pois tanto a poesia, quanto a música, a pintura ou as artes em geral, inclusive a literatura buscam, em muitos casos, um entendimento lógico racional, uma maneira expressiva e peculiar de filosofia.

Muito embora alguns achem que filosofia e poesia são coisas distintas, não podemos evidentemente negar que a própria filosofia nasceu com a poesia, pois quando a filosofia nasceu na Grécia os textos eram escritos de forma poética. Assim, os pré-socráticos que mitificaram suas obras, nada mais fizeram que poesia em forma filosófica. Hesíodo e Homero, grandes filósofos, utilizaram-se da linguagem poética, mesmo que imaginativa, a partir dos mitos. Também podemos citar Parmênides e o poema *Sobre a Natureza* que buscava a idéia do Ser em si, uma forma poética ontológica e antropomórfica. Ora, negar qualquer vínculo filosófico na poesia seria

como negar o estudo de toda uma linguagem filosófica clássica. Por vezes lemos ou estudamos textos poéticos filosóficos como o de Parmênides, e isso é analisar, ou problematizar filosoficamente.

Outro ponto importante citado pelo filósofo Heidegger (2003) é a questão da linguagem poética. Por que a própria linguagem é poesia? Essa pergunta merece toda uma atenção pela nossa maneira de entender a linguagem, em consonância com este filósofo, pois a linguagem não é só o que é: uma expressão oral e escrita que importa comunicar e, sim, aquilo que primeiro acentua o ente enquanto ente. Eventualmente, várias coisas nascem da linguagem e morrem com a própria linguagem, são frutos da linguagem. E nisso a poesia e a filosofia são riquíssimas.

A maior questão entre filosofia e poesia talvez se dê pelo fato que a poesia não é direta, nem física e, sim, imaginativa, utilizando-se a todo momento de metáforas. Em contrapartida, a filosofia busca a experiência, não a do senso comum, mas a experiência que pode ser voltada para uma questão de racionalidade, de conteúdo inteligível, sem formas imaginativas. Muito embora questões como a morte, a imortalidade, o tempo, o homem, o ser, o bem, o mal etc. necessariamente fiquem de igual valor para ambos, pois são reflexões que tanto a poesia quanto a filosofia nada dizem senão de questões interiores e exteriores, de uma possibilidade lógica inventada. Talvez a filosofia tente uma formalização lógica, mas nem mais nem menos do que a poesia. Talvez a poesia trabalhe de forma diferente da filosofia, já que a filosofia procura a todo instante uma reflexão, uma problematização e isso não se dá com a poesia. Podemos dizer que a poesia se dá ao homem como um espelho que apenas reflete sua imagem, enquanto a filosofia é a imagem viva, pois a filosofia é a base, a essência da qual derivam outras qualidades do saber, mas que de certa forma um depende do outro, pois só existe reflexo se houver antes a imagem a ser refletida.

De maneira que isso a que chamamos poesia, que vem desde a antiga Grécia e Trovadores, essa expressão lingüística que invoca emoções, tem em seu conteúdo sempre uma maneira peculiar de expressar uma linguagem também filosófica. Dessa maneira, às vezes filosofia e poesia se misturam e já não se sabe quem é quem, ou o quê é o quê. Apenas apreciamos e tentamos desvendar o mistério de ambos.

Passaremos, então, à análise crítica do poema Tempo.

## **1 REFLEXÕES E ANÁLISE**

Este poema é uma releitura do texto *O homem e o tempo* do Livro XI da obra *Confissões* de Agostinho (354-430), o qual, em quase todos os versos faz referência às idéias desse filósofo africano. Nosso objetivo é poder apresentar, através de um novo gênero textual e uma nova forma de linguagem, desta vez mais lírica e sintática, uma interpretação subjetiva que converge, em alguns pontos com o livro citado.

Não temos a pretensão de subestimar a obra desse filósofo, mas de mostrar, de uma outra forma, a partir de um outro gênero textual, uma conversa com ele, cruzando o tempo, já que ele mesmo acredita, como veremos a seguir, na não existência

do tempo como o vemos, seres ocidentais, mas em um *continuum*, medido como passado, presente ou futuro apenas pela imaginação humana.

Vejamos o poema:

### TEMPO

Oh tempo! Quem és tu que me persegues desde a minha mocidade?  
Quantos anos tens que nunca revelaste a ninguém?  
E por que te chamam tão diferente: passado, presente e futuro?  
Por acaso tu não és único? Como pode, então, ser dividido?  
Ainda há aqueles que te chamam de infinito por esse jugo,  
Desses eu gosto, surpreendem-me pelo novo sentido que te dão.  
Mas se tu és assim, sem começo e sem fim, como fora criado e por quem?  
Por acaso há um tempo que não é tempo e este te criou,  
Para que o tempo pudesse ser enquanto não era?  
Ah tempo! Fala ao meu coração, pois quero saber quem realmente és.  
Se vivo em um mundo com tempo ou sem tempo.  
Me diz qual o teu verdadeiro nome ou se todos são teus,  
Porque preciso saber qual é meu tempo ou se não tenho,  
Não me deixe ser como aqueles que nunca te entenderam,  
E muito menos como esses ignorantes que nunca te procuraram.  
Oh, maravilhoso tempo, desce do teu trono e vem a mim,  
Diz-me se sou passado e meu tempo já não existe,  
Diz-me se sou presente para que eu possa aproveitar  
O tempo que me resta,  
Fala-me se sou futuro para preparar-me onde quer que eu esteja,  
Ou se sou infinito, eterno e nunca morrerei  
E estaremos sempre juntos.  
Fala!...Se não queres falar tudo bem, cala-te!  
Porque o que o tempo diz, afinal?  
Tu és apenas o tempo, enquanto eu, sim, posso ser a eternidade.

(Tarcísio Alves dos SANTOS)

Passaremos agora a uma análise comparativa mais expressiva do poema junto à obra de Santo Agostinho a fim de apresentarmos uma certa analogia entre eles no pressuposto das idéias e reflexões abordadas entre ambos.

Oh tempo! Quem és tu que me persegues desde a minha mocidade?  
Quantos anos tens que nunca revelaste a ninguém? (v 1-2)

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente?  
(...) O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.  
(AGOSTINHO, 1980, p. 217-218)

Há, aqui, um questionamento milenar a respeito do que vem a ser esse ser que chamamos TEMPO. Agostinho referia-se ao tempo, de modo abstrato, mas conhecido por ele mesmo.

E por que te chamam tão diferente: passado, presente e futuro?  
Por acaso tu não és único? Como pode, então, ser dividido?  
Ainda há aqueles que te chamam de infinito por esse jugo,  
Desses eu gosto, surpreendem-me pelo novo sentido que te dão.  
(V. 3-6)

Quem se atreveria a dizer-me que não há três tempos, conforme aprendemos na infância e às crianças o ensinamos: o pretérito, o presente e o futuro?” (p. 220)  
“O tempo presente – o único que julgamos poder chamar longo...  
(AGOSTINHO, 1980, p. 219)

O autor do poema também se preocupa com a questão de ver as formas temporais, já que, partindo do tempo como o conhecemos, como pode ele ser dividido em três, se não conhecemos eventualmente passado, nem futuro?

Mas se tu és assim, sem começo e sem fim, como foras criado e por quem?  
Por acaso há um tempo que não é tempo e este te criou,  
Para que o tempo pudesse ser enquanto não era? (v. 7-9)

Perguntam: “Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?” Ou também: “Como lhe veio à mente a idéia de fazer alguma coisa, já que antes nunca fizera nada?”  
Concedei-lhes, Senhor, a graça de pensarem bem no que dizem e de saberem que não se emprega o advérbio ‘nunca’, onde não existe o tempo. Por conseguinte, dizer que ‘Deus nunca fizera nada’ não é o mesmo que afirmar que Deus, em nenhum tempo, criara coisa alguma? Que eles vejam que nenhum tempo pode existir sem a criação e deixem essa linguagem oca. Que estendam também o pensamento por aquelas coisas que estão antes, e entendam que vós sois, antes de todos os tempos, o eterno criador de todos os tempos.  
(AGOSTINHO, 1980, p. 230)

Tanto o autor do poema quanto o filósofo têm a preocupação de saber o princípio causador do tempo, já que não seria possível de criá-lo sozinho. O autor do poema refere-se ao tempo que não é tempo, como uma forma divina de criação.

Ah tempo! Fala ao meu coração, pois quero saber quem realmente és.  
Se vivo em um mundo com tempo ou sem tempo.  
Me diz qual o teu verdadeiro nome ou se todos são teus,  
Porque preciso saber qual é meu tempo ou se não tenho,

(v. 10-13)

O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. (AGOSTINHO, 1980, p. 222)

Aqui, mais uma vez, vemos a inquietude pela discussão das formas temporais, sendo que Agostinho dá uma primazia ao tempo presente, pois ele se remete aos demais tempos como os conhecemos, como o não-ser.

Não me deixe ser como aqueles que nunca te entenderam,  
E muito menos como esses ignorantes que nunca te procuraram. (v. 14-15)

O meu espírito ardeu em ânsias de compreender este enigma tão complicado. (...) Não fecheis ao meu desejo estes problemas comuns e ao mesmo tempo misteriosos. Fazei-me, Senhor, que penetre neles e que me sejam claros e manifestos pela vossa misericórdia. (AGOSTINHO, 1980, p. 223)

O autor, aqui, refere-se àquelas pessoas que não problematizam a questão do tempo em si, pois, para ele, tais pessoas são ignorantes a respeito de tal assunto, não tendo como opinar, nem discutir tal assunto. Outrossim, Agostinho, de certa maneira, passava por ânsias a respeito do tema abordado, ignorando aqueles que não procuravam saber a esse respeito.

Oh, maravilhoso tempo, desce do teu trono e vem a mim,  
Diz-me se sou passado e meu tempo já não existe,  
Diz-me se sou presente para que eu possa aproveitar o tempo que me resta,  
Fala-me se sou futuro para preparar-me onde quer que eu esteja,  
Ou se sou infinito, eterno e nunca morrerei e estaremos sempre juntos.  
(v. 16-20)

De que modo ensinai as coisas futuras, ó Senhor, para quem não há futuro? Ou antes, de que modo ensinai algumas coisas presentes acerca do futuro – pois o que não existe também não pode, evidentemente, ser ensinado! (AGOSTINHO, 1980, p. 221)

Há uma preocupação do autor no que diz respeito ao seu próprio tempo, tendo em vista que só podemos esperar o futuro se não estivermos nele. Só podemos ter passado, quando não somos o próprio. De modo que, Agostinho também se refere a essas questões sob o ponto de vista a ser ensinado, pois quem poderia ensinar algo que não sabe?

Fala!...Se não queres falar tudo bem, cala-te!

Porque o que o tempo diz, afinal?  
Tu és apenas o tempo, enquanto eu, sim, posso ser a eternidade.  
(v. 21-23)

(...) que digo estas coisas no tempo e que já há muito que falo do tempo, e que esta longa demora não é outra coisa senão uma duração do tempo. (...) Acontecerá talvez que não saiba exprimir o que sei? Ai de mim, que nem ao menos sei o que ignoro!  
(AGOSTINHO, 1980, p. 225)

Ambos, aqui, de maneiras diferentes, querem saber acerca de assunto tão complexo, mas que são pertinentes, ao se acharem ignorantes sobre tal assunto. Mesmo que sem resposta, tentam, de algum modo, exprimir a inquietude por um tema abstrato, aparentemente sem resposta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dessa maneira, tento exibir não um novo conceito de filosofia, mas uma busca pela verdadeira filosofia, que é a da natureza do saber. Ora, tanto o poema quanto a música, a pintura são formas que visam a sabedoria, as artes em geral. Essas manifestações humanas vêm ao nosso encontro, enquanto a filosofia vai ao encontro das artes. Ao analisar esse poema, fica claro que os textos de Santo Agostinho podem ser utilizados em qualquer época, de maneira que ao darmos uma nova compreensão do texto como na forma de um poema, o analisamos também, de maneira histórico-filosófica.

## **REFERÊNCIAS:**

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os pensadores).

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.